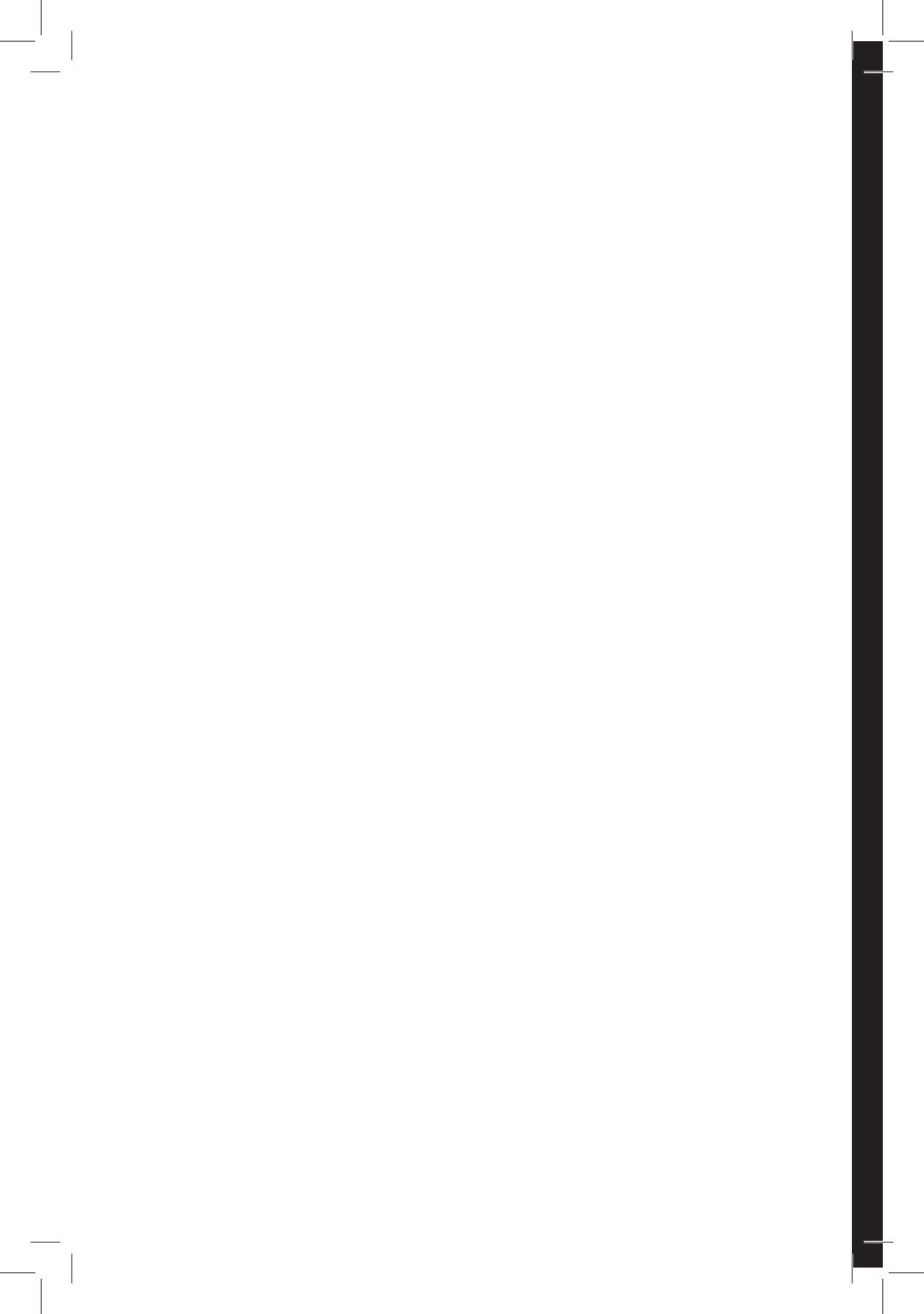


E, NO PRINCÍPIO,  
**ELA VEIO**



# E, NO PRINCÍPIO, **ELA VEIO**

prefácio de Valter Hugo Mãe

posfácio de Socorro Acioli

crônicas de memória e amor

**BRUNO DE CASTRO**

# índice

## prefácio 7

### primeira parte

- O balé das borboletas 15
- Menina em saco de arroz 21
  - Fichu 27
- Festa *desacontecida* 33

### segunda parte

- A segura dos verdes e das águas 41
  - Viúva burra 47
  - Três costureiras 53
  - O inteiro pela parte 59
- Gorda pelos ouvidos 65
  - Velha dos trapos 71
  - Ficar pra semente 77
- Um jeito de o amor permanecer 83
- Ouçõ ao longe um clarim 89

### terceira parte

- (d)eus 97
- Garota com nome das ajudas 103
  - Um mar nos olhos 109
- Conversa ao pé do ouvido 115

### posfácio 119

### nota do autor 121



# prefácio

Os escritores são inventados de todas as maneiras, por todos os motivos. Os que me comovem, no entanto, são inventados pelo arrebatamento, um espanto de existir que produz um estado de intensidade contínua que apenas normaliza a urgência e a avidez. Esse é o estado dos apaixonados. Os que urgem numa grandeza de expressão, os que sabem que todos somos plurais, nunca descurando que o melhor de tudo é o encontro com os outros.

O que o Bruno de Castro escreve é um encontro. Absoluta declaração de humanidade, prova de esplendor, o seu jeito delicado, poético, é todo o amor exposto e explicado. Impossível ler sem compaixão, sem sermos também convocados aos mais genuínos testes afetivos. Lembro o que uma leitora me disse há anos, que lendo queria abraçar as pessoas na rua. O Bruno é dessa ordem. Queremos abraçar as pessoas na rua depois de cada trecho.

Bruno monumentalizou sua mãe, querida Dona Tereza, que fica erguida na Literatura para sempre. Este livro não é apenas um evento na sua vida, é uma inscrição responsabilizadora na preciosa narrativa do sertão. O futuro está todo à sua espera. Sua estreia é maravilhosa.

Arrebatamento que vira arte. Modo de bênção aos leitores.

**Valter Hugo Mãe.**

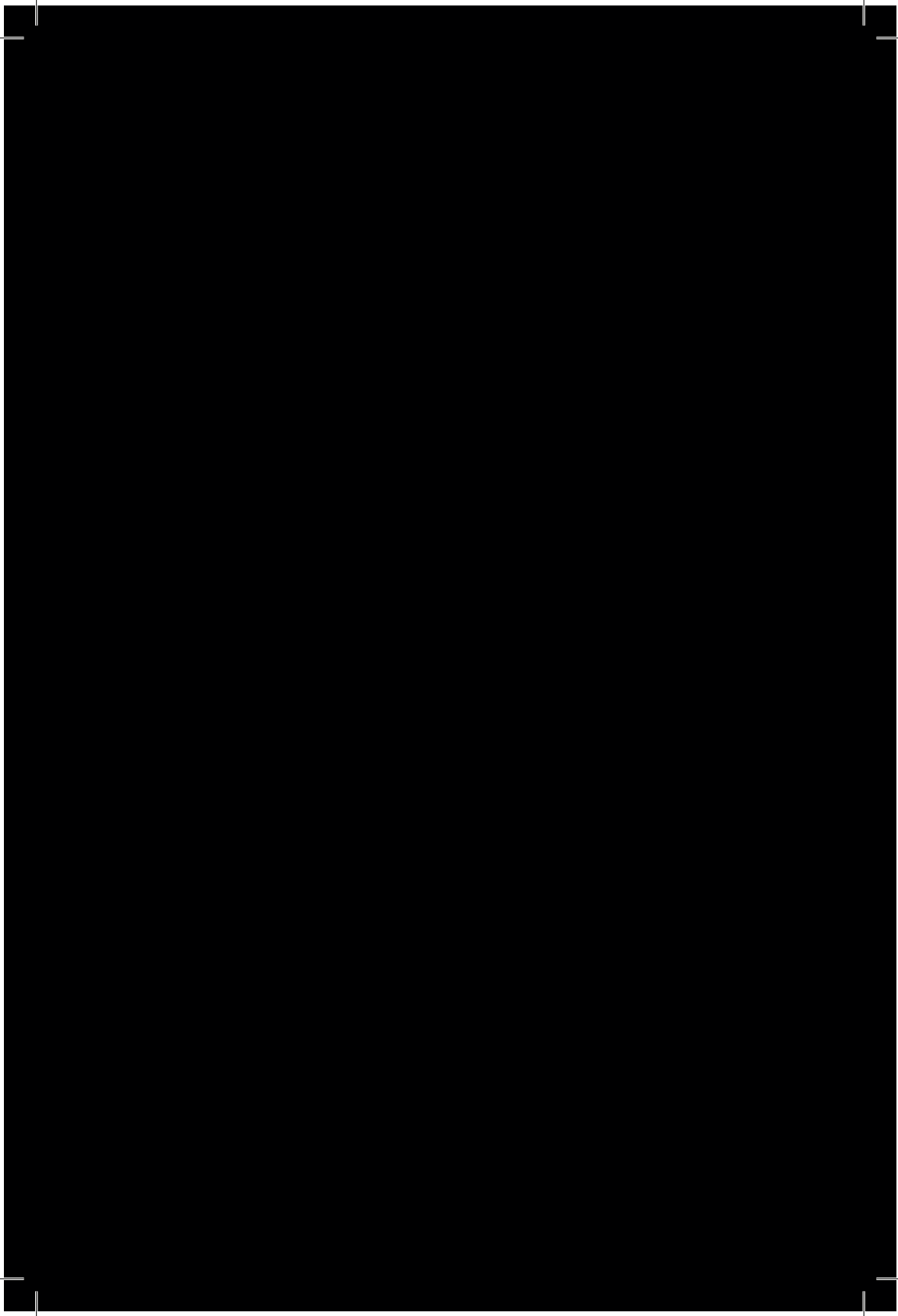
Vencedor do Prêmio Literário José Saramago e do Grande Prêmio Portugal Telecom de Literatura.

“É um modo de transformar a saudade numa celebração.  
Um dia, você vai lembrar como quem sobretudo celebra.”

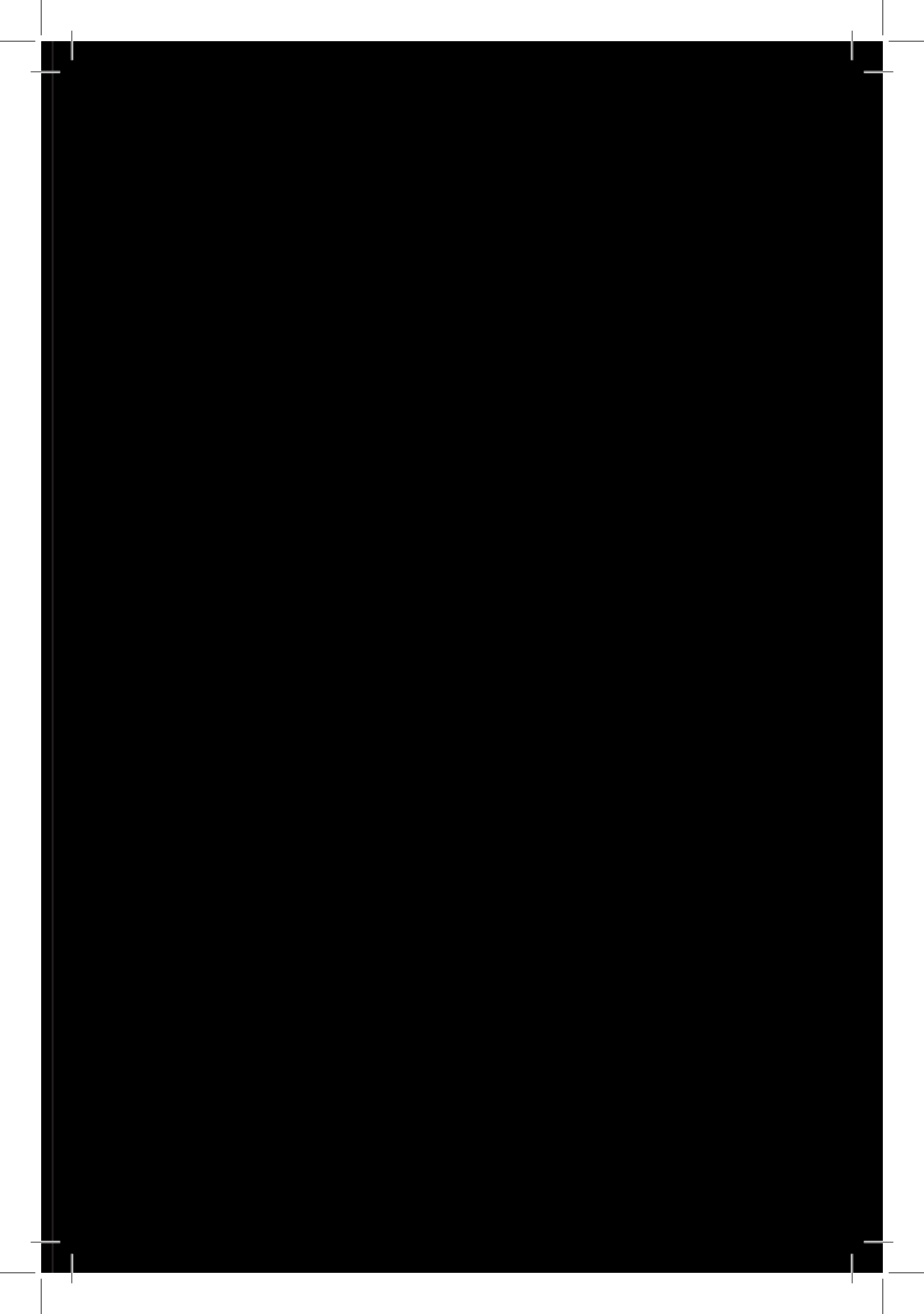
Valter Hugo Mãe

Este livro é dedicado à minha mãe, Tereza de Castro Brito,  
uma mulher cheia das fortalezas, e a André Salgado,  
um amigo que me deixou com saudade do futuro.





**primeira  
parte**



“ Morreu pupa e  
desmorreu alada.  
Tal qual o sertão,  
que desfalece sem  
água e renasce  
na chuva.”



# O balé das borboletas

São elas, as borboletas, especialmente as amarelas pequeninas, o aviso. Basta surgirem para toda a gente de todo canto saber: dali a pouco, outra cor nasce e tudo esverdeia. As miúdas são a proclamação das águas. A anunciação do perdão de tudo o que é de pecado. Sinal de fartura que aprende a ler quem vive no sertão. Ou filho dele é.

Comigo foi assim. Com mamãe também. Quando menina, ela sabia que encontrar borboletas no caminho pro Cafundó era certo do “seu menino” estar à beira da estrada vendendo queijo. De cada visita aos amigos ser desculpa pra um café generoso, como é a solidariedade em todo lugar, mas ainda mais nos terreiros de sertanias. Ter borboletas nas estradas significa(va) roçado carregado, rebanho com pasto farto e o açude da Jandaíra cheio de peixe. Era ter um céu debaixo de outro céu e entre eles um mundo plantado na esperança.

“Cada bichinha dessas é uma certeza da bondade de Deus”. Mamãe simplificava a aparição das borboletas e todo o ciclo evolutivo natural do bicho a isto: uma qualidade divina. Só está ali porque teve uma chance de ressurreição. Dada por Ele. Morreu pupa e desmorreu alada. Tal qual o sertão, que desfalece sem água e renasce na chuva. Que nem a gente sertaneja na vida: carece de ser forte antes de ser feliz.

É por isso que, quando elas, as borboletas, especialmente as amarelas pequeninas, não aparecem logo ali pelos arredores de fevereiro, a vontade é de ir lá em cima, em decorrência de uma prece bem forte, e fazer São Pedro chorar.

A temporada das lágrimas. Se não pela súplica, que seja por um beliscão. Assim, nuvem desabotoada, a ordem das coisas tenderia a uma inversão, é verdade, e a gente veria as asinhas coloridas batendo só depois de o aguaceiro deitar. Mas pelo menos ninguém morreria de sede. Haveria água da nascente ao pote de barro cru.

Como ninguém achou ainda o rumo até o santo padroeiro das águas de cima, o jeito é persistir na reza quando o chão estiver para esturricar e não ser sovina com agradecimento no caso de aparecer o primeiro aceno, o menor deles, das “bichinhas da bondade de Deus”. Pra elas, o céu é logo ali.

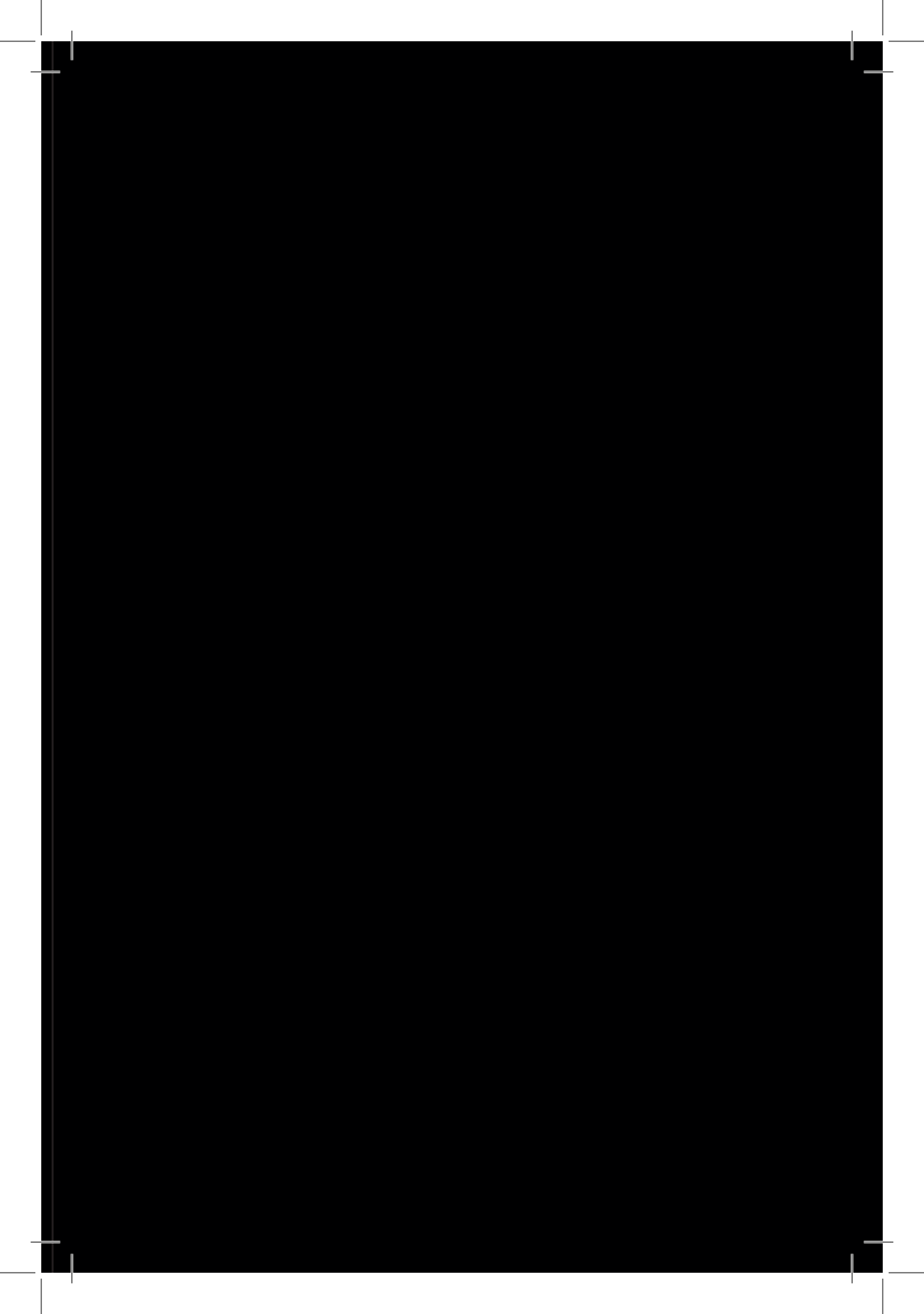
Na subida pro sertão, bem no pé da Ladeira Grande, no comecinho dos caminhos, onde tudo o que é de caminhoneiro para pra estirar os couros, elas já se exibem. As borboletas. Antecipam o que veremos. Sempre assim. São borrões no céu baixo de cada carro ali, no entroncamento das estradas, uma indo pro Cafundó de mamãe e outra prum santuário no alto de uma montanha comprida. Elas, as borboletas. Deslizam como se jamais fossem abalaroar num pára-brisas. Imunes a tudo. Imortais nas poucas semanas que têm de existência e inatingíveis mesmo quando nossa ignorância as confunde com mariposas.

Vão de um lado para o outro. Polinizando. Acasalando. Dando rasantes. Conduzindo umas às outras. Polinizando mais um tanto. Colorindo o lugar. Enchendo o céu de vida. E é como se nós, eu e mamãe, sem asas nem cores nem casulos nem metamorfoses nem tantos significados para cada uma dessas coisas todas, fôssemos ao mesmo tempo infelizes por não sermos aquilo tudo que as borboletas são, e felizardos por testemunharmos tantas delas a rasgar o vento.

A amarela vira azul, que vira branca, que é toda colorida. Acontece como se fosse um balé, com dançarinas principais e coadjuvantes. Tudo parece milimetricamente ensaiado. E a gente apenas admira, dedilha o vento e agradece porque já sabe o que vai encontrar no nosso tão esperado fim de semana no sertão. O regresso de mamãe para de onde partiu.

Lá vem chuva, o choro do céu.





“ São sabedoras  
dos mistérios  
das coisas todas,  
as crianças.  
Das inteiras,  
das inacabadas  
e até das  
desimportantes.”

